VOO PICADO

Pedro Brinca Professor universitário



Mais vale tarde

A 11 de setembro, nove dias antes de irmos ao Dragão, o Benfica entregou à Federação Portuguesa de Futebol uma proposta de reforma da arbitragem. Só se soube ontem. Propõe uma entidade autónoma da FPF, da Liga e clubes, com direção escolhida por concurso internacional e mandatos fixos, desfasados dos ciclos eleitorais. Propõe que quem nomeia os árbitros não seja quem os avalia, VAR profissional, tecnologia no fora de jogo e consequências em dinheiro e na carreira, para o bem e para o mal, conforme o mérito.

Em junho escrevi aqui que o problema da arbitragem é o desenho, porque a mesma casa nomeia, avalia e pune, e lamentei que o presidente só prometesse "tolerância zero" ao Conselho de Arbitragem, sem pedir uma avaliação feita de fora. A proposta vai exatamente por aí, e seria estranho não a aplaudir. O momento é que não ajuda, porque a reunião foi há mais de três semanas e o assunto só veio a público depois de a Federação divulgar o seu plano e na véspera do primeiro evento público do Unum, um movimento de sócios com medidas próprias. Convinha ter-se sabido mais cedo, para não parecer um jogo de comunicação. Dito isto, só posso dar os parabéns a Rui Costa pela iniciativa.

Mandatos desfasados das eleições são a lógica dos bancos centrais, em que quem decide não depende de quem vota. Separar quem nomeia de quem avalia é o mínimo, ainda mais quando a PJ investiga suspeitas sobre as nomeações. Já os prémios e as multas preocupam-me. Percebo a ideia, mas um incentivo só funciona se se souber medir o que se premeia, e no futebol nem o erro é consensual.

Sem uma avaliação pública feita por quem não tem clube nem nomeações a defender, teremos o mesmo conselho de sempre, agora a distribuir bónus. Mais, seria desejável que se conseguissem trazer perfis internacionais de monta. Seria caro? Sim. Mas mais caros são os erros que custam milhões. E tenho dúvidas que seja possível encontrar em Portugal alguém para integrar esses quadros que não seja suspeito por um qualquer quadrante de ser enviesado a favor de outro. A ubiquidade do fervor clubístico que dá ao futebol português a força que dá, é para esta entidade, o seu maior inimigo.

SABER-SE DA REUNIÃO ANTES EVITAVA PARECER UM JOGO DE COMUNICAÇÃO

A Federação também tem um plano, a EGAP, com a nova entidade a funcionar no fim de junho de 2029. O modelo fica definido nesta época, a lei muda na seguinte e só em 2028/29 se começa a aplicar. São mais três épocas, esta incluída.

E quem desenha? O grupo é liderado por José Fontelas Gomes, vice-presidente da FPF e antigo presidente do Conselho de Arbitragem, e inclui o próprio Conselho e a Liga. Mas mais importante que tudo isto é saber o modelo de governança e que tenha autonomia orçamental e regulamentar para não responder à FPF. Se não é mudar tudo para ficar tudo na mesma.